



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RENATO DE SOUSA LUZ

**CURSO DE PEDAGOGIA NA UFPI EM PICOS: A COMPREENSÃO DA
PROFISSÃO PELOS ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO**

**PICOS – PI
2019**

RENATO DE SOUSA LUZ

CURSO DE PEDAGOGIA NA UFPI EM PICOS: A COMPREENSÃO DA
PROFISSÃO PELOS ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura plena em Pedagogia sob orientação do Prof. Me. Francisco José Dias da Silva.

PICOS- PI
2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L979c Luz, Renato de Sousa.
Curso de pedagogia na UFPI em Picos: a compreensão da profissão pelos estudantes do sexo masculino. / Renato de Sousa Luz. -- Picos,PI, 2019.
58 f.
CD-ROM: 4 ¼ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.
“Orientador(A): Prof. Me. Francisco José Dias da Silva.”

1. Docência Masculina. 2. Educação Infantil. 3. Pedagogia - Preconceito. I. Título.

CDD 370.19

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 25 (vinte e cinco) dias do mês de novembro de 2019, às 17:30 hrs, na sala 822, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **RENATO DE SOUSA LUZ** sob o título “CURSO DE PEDAGOGIA NA UFPI EM PICOS: A COMPREENSÃO DA PROFISSÃO PELOS ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO”.

Banca constituída pelos (as) professores (as):

Prof. Me. Francisco José Dias da Silva UFPI/CSHNB	Orientador
Profª. Drª. Luísa Xavier de Oliveira UFPI/CSHNB	Examinadora
Profª. Me Deisilande Muniz Deusdará Luz UFPI/CSHNB	Examinadora

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de 9,5.

Picos (PI) 25 de novembro de 2019.

Orientador: Francisco José Dias da Silva
Examinadora: Luísa Xavier de Oliveira
Examinadora: Deisilande Muniz Deusdará Luz

Dedico esse trabalho ao Senhor Deus, pois tudo que acontece na nossa vida é permissão Dele; também aos meus pais, à minha esposa e minha filha que sempre estiveram ao meu lado dando o apoio necessário para esse sonho se tornar realidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque tudo é Dele e para Ele, por me ter direcionado a seguir quando as situações me fizeram querer parar, por estar sempre me protegendo em todos os momentos de minha vida;

Aos meus pais Marinete Holanda e Francisco Carlos, por serem a minha base, minha fonte de inspiração e que nunca deixaram de acreditar em mim desde os meus primeiros anos escolares até à graduação, sempre me dando o apoio necessário para prosseguir;

Ao meu irmão Evaldo Jefferson que sempre esteve ao meu lado me incentivando a prosseguir e foi um alicerce forte para que eu conseguisse o meu objetivo; a sua torcida foi fundamental para chegarmos até aqui;

À minha Filha Luara Ellen e esposa Ariany Luz, a minha eterna gratidão por entenderem a minha ausência nas noites e serem fortes na minha presença, aguentando comigo todos os momentos bons e ruins, dedico a vocês essa conquista.

Ao meu sogro Cleosvaldo e a sogra Adriana que juntamente com meu cunhado Thiago estiveram comigo em todos os momentos me dando apoio e sempre torcendo pela minha longa caminhada até aqui.

A todos os meus amigos e familiares que torceram muito por mim durante essa jornada. A vocês minha eterna gratidão, sem vocês essa vida não teria a mínima graça, todos foram muito importantes em cada detalhe.

Aos meus amigos da UFPI, que honra conviver com vocês esses longos cinco anos, passando por cada aprovação, cada momento que irá ficar sempre na minha memória. Cito em especial Maria da Paixão, uma irmã que ganhei na caminhada que sempre esteve ao meu lado me ajudando nas atividades acadêmicas, Roniwalter Moura pela paciência e pela ajuda, Raimundo, Elaine, Maria Fernanda, Fernanda Martins, Mirian, Fabiola, Heloisa, Cleofas, Alison e Bruna e a todos que me acompanharam nesses cinco anos de trajetória meu muito obrigado.

Ao meu professor e orientador Francisco José Dias da Silva, pela compreensão e paciência de sempre; obrigado por acreditar que eu seria capaz de realizar esse trabalho e, a todos os demais professores que deixaram suas significativas contribuições na minha formação; levarei comigo cada ensinamento.

Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.

Paulo Freire

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1: Porque você escolheu o curso de Pedagogia?.....	34
Gráfico 2: Porque Existem tão poucos homens discentes no curso de Pedagogia?.....	35
Gráfico 3: Você acha que as mulheres têm mais habilidades que os homens nos primeiros dois níveis escolares?.....	37
Gráfico 4: Considerando seu perfil atual, em relação a sua experiência no curso de pedagogia, em qual nível de ensino deseja atuar?.....	38
Gráfico 5: Você acha que o curso de Pedagogia, no campus de Picos, vem atendendo as suas expectativas formativas?.....	39
Gráfico 6: Observando as instituições de ensino da região, você acha que existe preconceito com o professor do sexo masculino?.....	40
Gráfico 7: Você acha que os pais têm receio em ver o professor do sexo masculino cuidando de seus filhos?.....	41
Gráfico 8: As questões de gênero na atualidade abriram mais as portas para a atuação do professor do sexo masculino na educação infantil?.....	43
Gráfico 9: De onde parte o preconceito em relação ao professor do sexo masculino lecionar para crianças tanto nas series iniciais quanto no ensino fundamental?.....	44
Quadro 1.....	42

RESUMO

Na área da pedagogia predomina-se a atuação de um público feminino, visto que na profissão os profissionais do sexo masculino não terem uma tradição de trabalho em sala de aula nas séries iniciais, mesmo sendo capacitados para tal. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo analisar as perspectivas dos acadêmicos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, no Campus de Picos, sobre os desafios da sua futura docência para atuar na educação infantil. Trata-se de um estudo quali-quantitativo, realizado com vinte acadêmicos do curso de Pedagogia no período de agosto a novembro de 2019. Os dados foram coletados por meio de um questionário, com perguntas abertas e fechadas. O presente trabalho está dividido em três capítulos teóricos e se inicia fazendo um contexto histórico e social sobre a profissão docente no Brasil. Em seguida é discutido sobre o perfil docente na educação infantil e às discursões de gênero e finaliza trazendo aspectos do estudante de Pedagogia do sexo masculino na educação infantil. Esta pesquisa se justifica pela importância em desconstruir um formato único de docência no curso de Pedagogia atrelado a um único gênero, haja vista ser um espaço de atuação independente de gênero. Os resultados demonstram que os acadêmicos enxergam em sua futura profissão um certo preconceito pela sociedade, pelos pais no que tange a sua futura atuação na docência. A ausência de professores do sexo masculino no ensino infantil e dentro do curso de pedagogia, mostram que muitos ainda veem a profissão como feminina.

Palavras-chave: Educação Infantil. Docência masculina. Preconceito.

ABSTRACT

In the area of pedagogy, a female audience predominates, since male professionals do not have a tradition of classroom work in the early grades, even though they are trained to do so. In this context, this study aims to analyze the perspectives of the students of the Pedagogy Course of the Federal University of Piauí, in the Picos Campus, about the challenges of their future teaching to act in early childhood education. This is a qualitative and quantitative study, conducted with twenty students of the Pedagogy course from August to November 2019. Data were collected through a questionnaire with open and closed questions. This paper is divided into three theoretical chapters and begins by making a historical and social context about the teaching profession in Brazil. It is then discussed about the teacher profile in early childhood education and gender discourses and concludes by bringing aspects of the male pedagogy student in early childhood education. This research is justified by the importance of deconstructing a single format of teaching in the Pedagogy course linked to a single genre, since it is a space independent of gender. The results show that academics see in their future profession a certain prejudice by society, by parents regarding their future performance in teaching. The absence of male teachers in kindergarten and within the pedagogy course shows that many still view the profession as female.

Keywords: Early Childhood Education. Male teaching. Preconception.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA PROFISSÃO DOCENTE NO BRASIL.....	15
1.1 A ORIGEM DA PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ASSISTÊNCIA À SOCIEDADE MODERNA.....	17
2 O PERFIL DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO.....	20
3 A DISCRIMINAÇÃO SOCIAL E INSTITUCIONAL AO PEDAGOGO DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	24
4 METODOLOGIA.....	29
4.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	29
4.2 UNIVERSO DA PESQUISA.....	30
4.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	31
4.4 INSTRUMENTO UTILIZADO.....	32
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES.....	53

INTRODUÇÃO

A educação é um universo de pesquisa muito amplo que abrange as mais diversas áreas do conhecimento e aberto aos mais variados debates dentro da academia e fora dela. Ao longo dos anos bastante se discute a respeito das transformações em alta escala que acontecem dentro desta área, visto que vários desafios são encontrados na contemporaneidade no processo educativo.

Podemos citar dentro deste cenário, os impasses da profissão docente, ainda mais quando se é discutido as relações de gênero e masculinidade onde a presença de homens nas primeiras séries da educação infantil ainda é visto como algo estranho dentro deste contexto. Trata-se de uma questão polêmica, que gera inúmeros debates, rodas de conversas e, principalmente, é passível de destaque que estão ancorados no senso comum. Dessa maneira, ainda é notório que se tem um considerável nível de receio das pessoas, colaboradores, familiares de alunos a respeito do professor do sexo masculino estar à frente da docência, que além da educação necessita de cuidados, muitas vezes voltados ao carinho, intimidade e higiene pessoal. Assim, tido como atributos voltados à docência feminina.

O interesse para o estudo desse tema se deu a partir das vivências nos quatro estágios supervisionados, das relações do cotidiano dentro da Universidade Federal do Piauí, onde se percebe historicamente um percentual mais elevado de mulheres do que de homens em percurso de formação e, conseqüentemente docentes aptos a lecionar nas séries iniciais. Por saber da importância de se ter um professor do sexo masculino qualificado e apto ao levar conhecimento para as crianças a este nível de ensino, optou-se por abordar essa temática neste trabalho de conclusão de curso.

Nesse sentido, o estudo se aprofunda na investigação principalmente em saber como os estudantes atuais do curso de pedagogia da cidade de Picos compreendem a profissão docente que eles irão exercer no futuro, destacando os conhecimentos adquiridos para serem repassados às crianças que serão seus alunos tanto, nos momentos de estágio como no ambiente de trabalho.

Alguns fatores afloram o debate de gênero na docência nas séries iniciais e o professor do sexo masculino muitas das vezes é visto como incapaz, ou inapropriado a assumir esse nível de ensino; logo esse fato faz um contraste com a feminização, que ainda está arraigado na sociedade brasileira principalmente quando se trata de ensinar crianças pequenas. Atividades pertencentes à educação infantil, como dar banho, trocar fraldas, além de afeto, ocorrem como

funções exclusivas da mulher e quando aparece a possibilidade do homem que é licenciado em Pedagogia exercer essa profissão, mesmo de fato tendo direitos adquiridos através de sua formação docente, questionamentos são levantados, tais como: até onde isso é permitido? Será que o professor do sexo masculino tem habilidades em atuar neste nível de ensino?

Em virtude desses fatos, este professor, mesmo formado e tendo embasamento teórico e prático suficiente para lecionar para crianças dentro do ambiente escolar, a sociedade insiste em dizer que não é seu aquele local de atuação e quando isso ocorre há uma certa preocupação de como será o convívio e qual relação irá ser desenvolvida entre o professor e os alunos recém chegados ao mundo escolar.

Portanto, para se compreender como surgiu esse debate de gênero dentro da educação infantil é necessário embrenhar, ou seja, adentrar no universo que envolve todo o contexto e história dessa modalidade de ensino no Brasil. A partir daí buscar o público ideal na compreensão desse debate e elaborar um instrumento de coleta de dados que possibilite analisar os resultados que se espera alcançar.

Os sujeitos da presente pesquisa foram vinte acadêmicos do sexo masculino do curso de Pedagogia na cidade de Picos distribuídos entre o segundo, quarto, sexto, oitavo e décimo períodos. Aos mesmos foram feitas perguntas objetivas e subjetivas em que se objetivou apresentar seus pensamentos a respeito do cenário que estão inseridos atualmente e, principalmente, o futuro que os aguardam. A pesquisa se deu de forma descritiva e qualitativa, pois, buscou-se apropriar das suas percepções, além de expor por meio de gráficos os resultados das perguntas objetivas.

O presente trabalho tem como objetivo principal *analisar as perspectivas dos acadêmicos do Curso de Pedagogia do Campus de Picos sobre os desafios da docência do sexo masculino para atuar na educação infantil.*

Como objetivos específicos, este estudo pretende;

- Identificar os motivos que levaram os alunos do sexo masculino no Município de Picos a cursar Pedagogia na Universidade Federal do Piauí;
- Investigar os anseios dos estudantes de Pedagogia em relação ao seu futuro trabalho na educação infantil;
- Contribuir para a quebra de paradigma formativo no curso de Pedagogia em relação às questões de gênero na docência.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro consiste em se fazer uma discursão sobre o contexto histórico e social da profissão docente no Brasil fazendo uma viagem desde a origem até a modernidade nos dias atuais. O segundo capítulo irá tratar do perfil docente na educação infantil e as discursões de gênero dentro do contexto educacional e por fim será concluído com a discriminação social e institucional do pedagogo do sexo masculino dentro da educação infantil.

Nessa perspectiva, este estudo se justifica pela importância em desconstruir um formato único de docência no Curso de Pedagogia no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros atrelado a um único gênero. Contudo, será necessário o professor possuir um bom aporte teórico, métodos eficazes e eficientes para a formação do aluno nas séries iniciais. É importante também para se quebrar rótulos de preconceitos e tentar diminuir o estranhamento desse profissional dentro da educação infantil.

1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA PROFISSÃO DOCENTE NO BRASIL

1.1 A ORIGEM DA PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pode-se dizer que a história da educação no Brasil teve seu início junto com a chegada dos portugueses neste país. Logo depois da colonização, começou um processo educacional voltado principalmente aos índios, buscando implementar um modo de vida baseado nos costumes europeus, em especial da metrópole Portugal. Porém, essa população indígena já possuía seus próprios costumes e sua forma de educação particular baseado em seu modo de vida pessoal.

Com isso, as primeiras práticas educativas formais vão além da simples alfabetização popular, com uma imposição de costumes da religião portuguesa, merecendo destaque a figura dos jesuítas, os primeiros educadores do Brasil. Segundo Ghiraldelli Junior (2009), os jesuítas ao desembarcarem em terras brasileiras por volta de 1549, foram os primeiros a implementarem uma educação sistematizada que visasse o desenvolvimento e a instrução educacional através da instalação das primeiras escolas brasileiras, formulando os primeiros sistemas de ensino voltados para a elite da colônia e para os nativos que ali se encontravam.

Sobre o poder da igreja na educação do Brasil-Colônia pode-se identificar esta afirmação nas palavras de Stammato (2012),

[...] desde a chegada dos colonizadores o ensino concentrou-se nas mãos da Igreja, [...]. Este ensino ministrado pelas ordens religiosas nas missões e nos colégios fundados por elas destinava-se fundamentalmente à catequese e à formação das elites no Brasil. Desde a primeira escola de ler e escrever, erguida incipientemente lá pelos idos de 1549, pelos primeiros jesuítas aqui aportados, a intenção da formação cultural da elite branca e masculina foi nítida na obra jesuítica.

Os jesuítas foram, segundo Ferreira (1984) os primeiros mestres do Brasil e por durante trinta anos foram os únicos educadores da Colônia, estabelecendo seus colégios em diversos pontos do litoral e do interior, quando se trata da educação formal e escolarizada. Assim, a sua primeira missão em terras brasileiras visou à catequese dos índios e à educação dos filhos dos colonos portugueses recém-chegados (XAVIER, 1994).

Rauber (2008, p. 53) emprega o poder que a religião tinha sobre a educação neste período, presente nos mais diversos contextos sociais, impondo aos índios uma mudança em seu estilo de vida tido por eles como pecaminoso e errado,

Não podemos deixar de reconhecer que os portugueses trouxeram um padrão de educação próprio da Europa, o que não quer dizer que as populações que por aqui viviam já não possuíam características próprias de se fazer educação [...]. Quando os jesuítas chegaram por aqui eles não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade europeia; trouxeram também o método pedagógico (Rauber, 2008. op. cit. p.52-53).

Segundo Oliveira (2011) a Companhia de Jesus permanece no Brasil por mais de 200 anos, neste espaço de tempo os religiosos se dedicam a instrução dos nativos, dentre eles os filhos dos índios chamados de curumins, por acharem que os índios adultos depois de se converterem à religião imposta pelos jesuítas, não seguissem os preceitos da fé católica. Como relata Oliveira (2011, p. 6): “Os jesuítas privilegiaram a educação dos curumins (crianças índias), uma vez que perceberam que os adultos que se convertiam, muitas vezes, não guardavam a devoção e o comportamento esperados, voltando às antigas práticas”. Dessa forma a educação dos curumins que se baseava no ensino da leitura e da escrita tinha como objetivo a catequização.

Essa função foi concebida aos jesuítas por serem as únicas pessoas letradas na época capazes de sistematizar um modelo educacional, detentores dos preceitos religiosos tão fortemente ligados ao meio social durante anos. Além de educar formalmente, estes tinham a missão de catequizar a população, e difundir o catolicismo na colônia portuguesa.

É inegável a importância dos jesuítas na educação brasileira, e que os primeiros educadores eram homens, entendendo assim que o início da formação docente em terras brasileiras era exercido exclusivamente do sexo masculino e direcionada principalmente para os índios e crianças do mesmo sexo.

Louro (1997, p. 94), em sua colocação, afirma que, também no Brasil a instituição é primeiramente masculina e religiosa. Os jesuítas, “braço espiritual da colonização”, para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes.

Quanto às mulheres, estas ficavam excluídas do processo de educação formal, muitas vezes se restringindo apenas a educação religiosa. Para as meninas, os ensinamentos eram voltados às funções domésticas, características fundamentais para moças de família, futuras mães e esposas. A mulher sempre foi vista como dócil, gentil, e precisavam estar preparadas para serem submissas aos homens (pais ou maridos). Priore (2009, p. 444) nos mostra isso, quando diz que as habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, a cozinha, bem como as habilidades de mando as criadas e serviçais, também, faziam parte da educação das moças,

acrescida de elementos que pudessem torná-las mais agradável ao marido, mas, também, uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente.

A única chance das mulheres terem acesso a uma educação formal era por meio dos conventos femininos da igreja católica, não sendo permitido sua inclusão em espaços sociais masculinos. Então esta era uma opção para aquelas mulheres que não almejavam o casamento, e quando se negavam eram obrigadas pelos pais a servir a vida cristã.

De acordo com Novaes (1992) as mulheres só passaram a ter algum tipo de instrução por meio das senhoras francesas e alemãs que com a vinda da corte em 1816 e começaram a ensinar rudimentos de leitura e cálculo para as meninas do Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1824, as mulheres passam a ser incluídas no processo educacional. Como a própria história relata, o ofício da docência primeiramente foi exercido por homens e posteriormente passa por uma transformação, sendo neste período citado apropriado por uma quantidade significativa de mulheres principalmente nas séries iniciais de escolarização.

1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ASSISTÊNCIA A SOCIEDADE MODERNA

O processo de formação das instituições de educação infantil se deu a partir de um novo modelo da sociedade moderna, baseada na industrialização, urbanização e inserção da mulher no mercado de trabalho, necessitando de um local para os cuidados assistenciais e educação formal das crianças. Para Souza (2010), as instituições de educação infantil, nas sociedades ocidentais, surgiram como resultado de um processo sócio-histórico vinculado a transformações no mundo do trabalho e, conseqüentemente, nas dinâmicas e papéis familiares.

Os Estados Unidos e a Europa foram os primeiros a adotar instituições voltadas ao cuidado de crianças, até por que foram o berço da industrialização e da abertura para mulher no mercado de trabalho, exigindo assim espaços onde suas crianças pudessem ser assistidas e educadas, como relata Kuhlmann Jr. apud Paschoal e Machado (2009, p.81): “[...] que essas instituições se preocuparam com questões não só de cuidados, mas de educação, visto se apresentarem como pedagógicas já em seu início”. A ideia de educar crianças nessas regiões do mundo já se mostrava educacional em seus primórdios.

Kuhlmann Jr. (2011) relata que foi a partir das ampliações da força de trabalho feminina que as instituições pré-escolares foram reconhecidas, ou seja, as primeiras representações de estabelecimento para “cuidar-educar” crianças surgem junto com a industrialização.

Esse novo contexto social, fez com que os donos de muitas fábricas se adaptassem a essa nova realidade, intervindo nos cuidados dos filhos de seus operários, porém visando principalmente questões econômicas e de produtividade, visto que seus trabalhadores não necessitavam de maior tempo para cuidarem de seus filhos. Assim, foram adotados espaços por essas empresas destinados a assistência e educação das crianças, além de espaços de lazer e moradia a toda a família.

Oliveira (1992, p.18) afirma como se deu essa nova forma de assistência familiar pelos patrões.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternais para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternais e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor.

Kulhmann Jr. (2011) registra que foi a partir das ampliações da força de trabalho feminina que as instituições pré-escolares foram reconhecidas, ou seja, as primeiras representações de estabelecimento para “cuidar-educar” crianças surge junto com a industrialização.

Então, pode-se dizer que o surgimento dessas instituições se deu a partir do advento da industrialização que foi o fator preponderante para as mudanças ocorridas no núcleo familiar e conseqüentemente na necessidade de uma assistência de cuidados e educação para crianças, que seria o ponta pé para a surgimento da educação infantil em creches e pré-escolas.

A modalidade de ensino denominada como Educação Infantil surgiu no Brasil graças a mudanças ocorridas no núcleo familiar, com a inserção da mulher no mercado de trabalho instaurou-se a necessidade da criação de instituições que prestassem assistências aos filhos dessas famílias, para tanto foram criadas as creches com objetivo meramente assistencialista (CHAIDY, 2001).

Nesse sentido, a assistência educacional às crianças não eram de exclusivamente das empresas e do setor privado. Os funcionários públicos também necessitavam das mesmas condições assistencialistas e educacionais aos seus filhos, surgindo a partir daí a responsabilidade do estado em ofertar essa modalidade de ensino.

Diante desse cenário, “essas instituições passaram por grandes modificações a partir da década de 1970, pois a sociedade civil organizada passou a exigir das autoridades uma melhor qualificação no processo de educação infantil (CAMPOS, 1994, p. 45)”.

Segundo Chaidy (2003, p. 33) “[...] cabe ao Estado, sobretudo ao poder público municipal, oferecer às crianças pequenas oportunidades de acesso às instituições infantis educativas, compartilhando com a família a sua educação e socialização”.

Uma das primeiras referências à creche no Brasil aparece, como mostra Kuhlmann Jr. (2010), em 1879, em um artigo de jornal do Rio de Janeiro, intitulado A Creche (asilo para a primeira infância). Diferente do caso europeu onde a creche foi criada para a ampliação do trabalho industrial feminino, aqui a creche é apresentada como a nova instituição para a solução dos problemas trazidos pela Lei do Ventre Livre, com a educação das crianças filhos de escravos. Somente a partir do período republicano, quando as fábricas e indústrias ganharam maior impulso, outras instituições foram sendo inauguradas para atender as crianças filhos de trabalhadores e operários, sendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal precursores nessa proposta:

No estado de São Paulo, desde dezembro de 1920, a Legislação previa a instalação de Escolas Maternais, com a finalidade de prestar cuidados aos filhos de operários, preferencialmente junto às fábricas que oferecessem local e alimento para crianças. As poucas empresas que se propunham a atender os filhos de suas trabalhadoras o faziam desde o berçário, ocupando-se também da instalação de creches (KUHLMANN JR., 2000, p. 8).

As instituições de educação infantil se tornaram essenciais não somente na sociedade moderna, mais também nos dias de hoje, com a existência dos mais diversos contextos familiares. A preocupação com o trabalho e o mesmo tempo com os cuidados da primeira infância fazem com os pais se preocupam cada vez mais com a educação formal de seus filhos, delegando muitas e vezes essa função as escolas desde cedo.

2 O PERFIL DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS DISCUSSÕES DE GÊNERO

A nova conformação social advinda do processo de industrialização e a intensa urbanização demandou novos espaços para os cuidados e educação das crianças. Tais fatores contribuíram para que a assistência educacional infantil se modificasse, criando novas instituições e capacitando profissionais responsáveis a atender esta demanda cada vez crescente. A figura masculina primordial nesta concepção começa a sair de cena, e as mulheres se apresentam como opções mais adequadas e qualificadas para tal cargo.

Assim, desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral. (VIANNA, 2002, p. 85).

Ainda como consequência dessa mudança docente do masculino para o feminino na educação infantil, Saporoli (1997, p.26) ressalta que na segunda metade do século XIX, devido à modernização, é possível notar algumas transformações sociais:

Os homens teriam abandonado o ensino primário (que se expandia) por melhores salários; seria muito caro para o sistema de ensino em expansão arcar com salários competitivos no mercado que se abria; este abandono dos homens teria aberto oportunidades de trabalho para as mulheres.

Para Fonseca (2010), a feminização do magistério se deu a partir de um contexto histórico social, vinculado a figura da mulher como entende que um dos principais motivos está relacionado às relações de cuidado que passam a ser associadas à figura feminina.

O magistério era comparado à maternidade, vendo-se na figura de sua representação a mulher, pois era responsável pela educação dos filhos, o que a tornaria mais apropriada para ensinar, ao agir com brandura, amor e compreensão com os seus alunos, ao contrário dos homens, seres ásperos, rudes, que poderiam tirar ou diminuir o gosto pela escola por parte das crianças (FILHOS; ROSSI, 2009, p.564).

De acordo com Fontana (2005), desde o início do século passado, a docência tem se convertido numa profissão exercida predominantemente por mulheres, especialmente nos anos iniciais da Educação Básica, visto que essa prática demanda cuidado, amor e

sensibilidade para educar as crianças que passam a ser tratadas como filhos/as dessas mulheres que tanto carinho tem a oferecer em virtude de suas qualidades consideradas naturais.

Segundo Fonseca (2010) a feminização da educação básica se deu em especial por motivos relacionados à figura da mulher e sua aptidão aos cuidados das crianças. Nesse sentido,

Cuidar, tomar conta (das crianças) é um papel social atribuído às mulheres já que se aproximam dos atributos maternos, ao lado de outras que socialmente se atribuem ao gênero feminino e que pode ser uma das bases para ser entender a feminização do magistério (FONSECA, 2010, p.69).

Dessa forma, entende-se que a figura masculina não é a adequada para atuar junto ao público infantil, visto que seu perfil “rude” não está diretamente ligado aos cuidados à essa faixa etária. Já as mulheres possuem tais qualidades e atributos para o cuidado ligados a maternidade. Scott (1995) advoga que o gênero não é o único, mas é um campo no qual as relações de poder persistem em se consolidar de modo que um (o homem) historicamente exerce poder sobre o outro (a mulher).

Isso implica também a definição de atividades adequadas para um e para outro, fazendo com que os postos de liderança sejam predominantemente assumidos por homens, como tarefas tidas como “menos qualificadas” e de submissão não sejam apenas permitidas, mas indicadas para mulheres. Partindo disso, o autor argumenta que a docência, em especial em creches e pré-escolas é uma tarefa de condições biológicas inerentes a sexo feminino.

Em sua dissertação, Fonseca (2011, p. 99-100) afirma que “o fato de ser cuidadora, carinhosa, doce, etc. capacitaria as mulheres como aptas e os homens, fortes, ameaçadores, etc., inaptos ao trabalho e atuação nos anos iniciais, por exemplo”. Isso explica o porquê do fenômeno da feminização se configurou dentro do magistério, e ainda hoje persiste neste campo de atuação.

Dentro da constituição de 1988 junto com o estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 garante a educação infantil como direito, e o acompanhamento deste público ainda é complementado pelas Leis de diretrizes e Bases da Educação de 1996.

Nesse sentido, Campos (2002, p. 45) destaca “a necessidade de formação específica para lecionar em classes de Educação Infantil, seja ela em nível médio ou superior, delineou-se uma nova perspectiva de formação para o educador da infância”, o qual segundo Dalben (2007, p.3), “[...] necessita de formação específica, interdisciplinar, muito referenciada, histórica e socialmente situada”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.391/96, art. 62 exige que, o professor da Educação Infantil deve ter a formação mínima do ensino médio, ou seja, o magistério para exercício do trabalho docente em creches e pré-escolas. E também segue a meta do Plano Nacional de Educação de formar professores leigos que ainda atuam na Educação Infantil, cumprindo desta forma a meta estabelecida que é formar 70% dos professores que necessitam de formação específica no ensino superior.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2001), a formação de professores para atuar na Educação Infantil implica o domínio de conhecimentos para atuar no projeto político-pedagógico dimensionando o currículo, a metodologia de ensino, a avaliação e a atitude dos educadores favorecendo a interação social e a opção por práticas heterogêneas capazes de atender as diversidades.

A formação do profissional que atuará nesse nível educacional deve partir da tríade cuidar-educar-brincar (BRASIL, 1998) para que o trabalho pedagógico tenha significado para a criança. Acreditando no processo socializador que acontece quando o adulto interage com a criança, as ações de cuidado-educação são indissociáveis: uma ação acontece concomitante com a outra. Outra situação que permeia a relação adulto-criança está na construção do processo de apropriar-se do espaço escolar, isto é, a criança depende do adulto para aprender a cuidar de si e relacionar-se com o mundo ao redor.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998) não traz em sua pasta um perfil exato do profissional docente na educação infantil, exigindo apenas que o mesmo tenha competência polivalente para o desenvolvimento em sua atuação. Contextualizando assim, que a educação infantil deve ter a integração professor (a) e criança, além dos demais profissionais da instituição, independente do gênero.

Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (BRASIL, 1998, p. 41).

Sayão (1996, p.15) em seu discurso sobre os cuidados infantis em instituições como creches e pré-escolas cita o quão a criança é dependente de um adulto para suas necessidades básicas, além de destacar que o processo educativo é de responsabilidade de um adulto, não delegando qual gênero se encaixa mais neste requisito.

É preciso cuidar das crianças que ainda são dependentes dos adultos no que diz respeito a cuidados básicos, como a alimentação, a higiene, o vestuário. É preciso também educar essas crianças porque são cidadãs e não podem ser privados do direito inquestionável de ter acesso ao conhecimento, socialmente produzido e expresso pela cultura.

Assim, ao analisar a Lei 9394/1996, percebe-se que o profissional docente na educação infantil se faz necessário, e que sua formação e capacitação esteja dentro do esperado para lidar com este público. Essa lei busca que este profissional preste seus serviços com qualidade em que o gênero deste profissional - homem ou mulher – não influencie o trabalho pedagógico dentro de seu contexto.

3 A DISCRIMINAÇÃO SOCIAL E INSTITUCIONAL AO PEDAGOGO DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No começo da instituição escolar todos os professores eram homens, modelos a serem seguidos. Os líderes religiosos, padres, bispos, etc., foram à primeira representação do magistério. No Brasil, esse modelo inicial da educação também seguiu este mesmo rumo, tendo a figura dos jesuítas como os representantes da educação formal e religiosa, aos índios e filhos dos colonos. As mulheres restavam os serviços domésticos, cuidarem do lar e ser submissas aos homens.

A modalidade de ensino denominada como Educação Infantil surgiu no Brasil graças a mudanças ocorridas no núcleo familiar, com a inserção da mulher no mercado de trabalho instaurou-se a necessidade da criação de instituições que prestassem assistências aos filhos dessas famílias, para tanto foram criadas as creches com objetivo meramente assistencialista (CHAIDY, 2001).

A chegada do professor homem a esse espaço de trabalho é cercada de estranhamento (SAYÃO, 2002), pois somos bombardeados constantemente pela não presença masculina nesse nicho profissional. Só o gênero implica esse estranhamento, pois sensibilidade e afabilidade não é esperado de um homem (HENTGES; JAEGER, 2012) na condução de uma sala de aula da educação infantil.

Miranda (2011) em suas pesquisas com alguns professores do magistério notou que professores homens, ensinando crianças tiveram sua masculinidade questionada, ora como homossexuais, ora como pedófilos e conclui que independentemente de serem homem ou mulher, todos eles têm compromisso com seu aluno, cumprem seus horários, se preocupam em formar um cidadão com consciência crítica, e são sofredores porque trabalham muito e ganham pouco.

O filme *Um tira no Jardim de Infância* (1991) retrata bem esse estranhamento da sociedade quanto um homem está à frente na educação da primeira infância. Arnold Schazernegger personagem principal é um policial disfarçado de professor, que se envolve em um caso para prender o pai de um dos alunos traficante de drogas. Diante tal situação, as mães das crianças tecem comentários acerca de sua sexualidade, “para ser professor de jardim de infância no mínimo deve ser gay”. Esse estranhamento se dá devido não ser tão comum

um homem ocupar tal cargo, onde o mesmo é questionado até por outros homens sobre a sua masculinidade diante de tal situação.

Alguns estudos usam o termo masculinidade no plural “masculinidades”, entendendo que existe mais de um tipo. Miranda citando Kimmel (2011):

[...] as masculinidades são socialmente construídas [...] nem míticas, tampouco biológicas; [...] (as) masculinidades variam de cultura a cultura, variam em qualquer cultura no transcorrer de certo período de tempo, variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidades e variam no decorrer da vida de qualquer homem individual (MIRANDA, 2011, p. 79).

De acordo com Silvia (2010):

Nossa sociedade, como um todo, ainda tende a lidar com a homossexualidade de maneira superficial e preconceituosa. Isso ocorre, essencialmente, pelas influências que recebemos por parte de uma educação religiosa e familiar conservadora, repleta de valores negativos e princípios morais distorcidos em relação ao sexo, que são transmitidos de geração em geração. Dessa forma, os seguimentos sociais costumam tratar a sexualidade como um tabu e, de forma geral, associam a homossexualidade a comportamentos transgressores e/ou promíscuos (SILVIA, 2010, p. 88).

Outra representação que podemos citar em relação a esse preconceito com o professor homem na primeira infância, está no filme dinamarquês *A Caça*, de Tomas Vinterberg de 2012, onde o personagem central da trama é um professor de educação infantil de uma pequena cidade, e se vê julgado pela sociedade após acusações falsas de um possível abuso sexual a uma de suas alunas, que acima de tudo é filha de seu melhor amigo. A menina inventa tal história após sua admiração pelo professor ser contestada pelo mesmo, pois ela em um momento de brincadeira acaba beijando seu mestre na boca e admitindo que deseje casar com ele que acaba reprimindo a menina que se sente rejeitada.

Outro ponto que acaba agravando a situação é o momento em que a aluna vê imagem de genitálias masculinas exibidas por seu irmão mais velho e um amigo, que serve como complemento para a história falsa relatada pela menina. Ao final, mesmo com todas as acusações e violências contra o mesmo, este acaba provando sua inocência, e conseguindo novamente a admiração de todos na cidade que por seu perfil como pessoa, acabam por acreditar em sua inocência.

Nesse sentido, Felipe (2006, p.214) aponta alguns equívocos quando se fala em abuso sexual de crianças, entre eles cabe destacar

A ideia corrente de que só os homens são abusadores em potencial, por possuírem uma sexualidade tida no senso comum como incontrolável quase “animalesca”. Outro equívoco é associar a pedofilia e o pedófilo aos homossexuais, como se estes representassem um perigo constante aos bons costumes e às práticas sexuais consideradas legítimas. É preciso lembrar também que as estatísticas dificilmente fazem referência às mulheres, na medida em que estas, no exercício da maternidade ou na função de cuidadoras de crianças, parecem estar acima de qualquer suspeita, o que nem sempre é verdade.

Por outro lado, a crescente divulgação na mídia sobre abusos sexuais (de crianças e adolescentes) por parte do público masculino (padres, médicos, educadores, parentes...) intensifica ainda mais esse retrato de pouca confiança pelos pais e, até mesmo às próprias instituições de ensino pelo professor do sexo masculino na educação infantil. Isso faz com que os próprios professores tenham um comportamento diferenciado diante de crianças com receio de serem vistos como pedófilos. A autora ainda destaca que professores que atuam junto às crianças pequenas “que, para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhas com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seu colo (FELIPE, 2006, p. 214)”.

Com relação ao cuidado de crianças em instituições, há diversas questões a serem superadas na busca de uma participação mais igualitária entre os gêneros, em especial as que se referem ao status da profissão. No entanto, a discussão sobre vantagens e desvantagens da participação masculina na educação e cuidado de crianças em instituição tem sido em alguns casos, ofuscada por um debate centrado na possibilidade de ampliação, em função da presença masculina nesses equipamentos, dos riscos de maus-tratos e abusos, temidos pelos pais e pelas instituições. O discurso da naturalização, pautado num padrão hegemônico de masculinidade, posiciona o homem que se dispõe a trabalhar ou como abusador em potencial ou como homossexual por realizar um trabalho considerado feminino (SOUZA, 2010, p. 67).

O estudo da inserção do homem em uma instituição de educação infantil, com o professor, provoca a emergência de uma série de sentidos e significados relacionados a padrões estereotipados de gênero e de papéis associados ao masculino e ao feminino, geralmente fundamentados em argumentos biológicos que naturalizam características que são, na verdade, construídas histórica e culturalmente. Além disso, emergem sentidos e significados sobre família, sobre infância e sobre a responsabilidade do cuidado e educação da criança assim como sobre a própria função da educação infantil (SILVA, 2010, p. 114).

Esse preconceito com relação ao professor de educação infantil não é algo que vem somente da família ou da sociedade. Muitas vezes são as próprias escolas que não abrem espaços para homens em suas instituições.

Segundo Louro (2012),

A escola, como um espaço social que foi se tornando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um lócus privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres é ela própria, um espaço generificado, isto é, um espaço atravessado pelas representações de gênero. Em nosso país, como em vários outros, esse espaço foi, a princípio, marcadamente masculino (LOURO, 2012, p. 77).

Já para Bufalo (1997), o convívio com as diferenças entre os profissionais de educação infantil, possibilita a construção da pedagogia das diferenças, em que não só as crianças produzem culturas e conhecimentos, mas um espaço também da educação de adultos.

Se a presença masculina na educação infantil ainda é vista com estranhamento, principalmente quando se têm homens como profissionais docentes nas creches e/ou pré-escolas, o mesmo ocorre quando pais, tios, avôs ou outra figura masculina levam meninos e meninas para esses espaços. Estudantes/estagiários/as de pedagogia revelam em suas anotações a ausência dos homens nos espaços de educação infantil, e problematizam em suas observações os papéis masculinos e femininos na educação da infância. [...] A imagem da mulher como precursora do cuidado e da educação de meninos e meninas é ainda existente, e isso é visto como papel exclusivo dela, numa sociedade machista e colonialista, na qual vivemos imersos em costumes ditos como tradicionais (geracional), e preconceitos ditos como normais (FINCO, SILVA e DRUMOND, 2011, p. 64-65).

Ainda existe o receio por parte dos próprios professores em trabalhar com crianças pequenas. Ainda dentro da academia sabendo que sua formação está direcionada principalmente na atuação em anos iniciais, o acadêmico do sexo masculino preferem partir para outro setor pedagógico como gestão escolar. Sarmiento (2002, p.101) aponta que os homens “quando trabalham diretamente com crianças, procuram os grupos dos mais velhos”.

Muitas vezes esse receio em trabalhar com crianças menores vem dos próprios professores, que ficam com medo de serem taxados como pedófilos pelo país dos alunos, ou por outros segmentos da sociedade, visto que muitos desses abusos são cometidos por homens.

A profissão de Pedagogia, não possui uma representação de gênero, mesmo com tais características maternas e de cuidado mais evidentes na mulher, esta não é a detentora de tal conhecimento podendo sim um profissional masculino exercer trabalho com a mesma

dedicação e amor. Além disso, as relações sociais estão presentes em todos os ambientes, portanto, essas construções podem evidenciar.

Masculinidades e feminilidades como processos relacionados ao trabalho pedagógico, ao espaço institucional, às crianças e aos profissionais conduzindo a percepção de que há um mundo social onde as relações acontecem na qual a subjetividade e identidades também se entrecruzam interferindo nas intenções (SAYÃO, 2006, p.46).

Esses espaços de convívio social permitem que crianças, estejam em contato com outras crianças, além de contato com outros adultos, sejam professores, zeladores, vigias entre outros. Assim a inserção da criança nesse contexto permite a mesma vivencie essa diversidade social, e possa interagir os diferentes públicos e possa ter uma relação social com crianças e adultos:

Segundo Faria (2006, p. 87),

[...] neste espaço de sociedade vivemos as mais distintas relações de poder, gênero, classe, idade, etnias. Desse modo é necessário estudar as relações de contexto da creche e pré-escola onde se confrontam adultos, entre eles, professor (a) diretor (a), cozinheira [...] a professora e as meninas, a professora e o menino, o professor (percentual bastante baixo, mais existente e com tendência a lento crescimento), e os meninos, o professor e as meninas, o professor e a mãe da menina.

A autora evidencia o quão é baixo é a presença de professores do sexo masculino na educação infantil, e que as perspectivas futuras ainda vislumbram um pouco crescimento diante este contexto. Ela ainda esclarece que o espaço escolar propicia as relações sociais, com pessoas de características físicas, econômicas e de idades diferente, enfatizando a importância deste convívio na percepção das diferenças entre pessoas.

Segundo Cardoso (2004), os professores homens são seres históricos, sociais, culturais, corpóreos, de pessoas de classe, raça e gênero. Esse tipo de preconceito ainda é muito comum aqui no Brasil, pois ainda não se formou de forma clara em nossa cultura o ato de um homem fazer o papel de educador infantil.

Souza (2010) enfatiza que em vários países europeus é discutida a necessidade de maior participação de homens na educação infantil, como uma forma de incentivar a educação paternal muitas vezes ausente nas crianças.

4 METODOLOGIA

O presente capítulo tem por finalidade apresentar os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa mostrando o caminho percorrido para a obtenção dos resultados, assim como os seus resultados num diálogo com outros autores e em outros estudos.

4.1 NATUREZA DA PESQUISA

O professor do sexo masculino atuando junto ao público infantil sempre foi uma temática bastante debatida entre os profissionais da área da educação e das ciências sociais. Com isso, abordar o presente tema requer uma ampla pesquisa, fazendo uso do método científico para um melhor embasamento, sendo este constituído como um método e/ou um caminho trilhado cientificamente a fim de obter o esclarecimento e encontrar respostas para questionamentos levantados (LAKATOS, 2010).

Nesse sentido, utilizou-se como procedimento básico para o desenvolvimento deste trabalho a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Lakatos (2010, p.44): “[...] é o primeiro passo de toda a pesquisa científica”. Caracterize-se este estudo, do ponto de vista empírico, como uma abordagem quali-quantitativa descritiva.

Gamboa (1995) e Richardson (1999) destacam que a abordagem quantitativa se caracteriza por empregar a quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informação, quanto no tratamento dos dados, mediante procedimentos estatísticos. Boa parte das perguntas do questionário utilizado é tratada de forma quantitativa, pois são objetivas e suas respostas podem ser mensuradas.

Sobre a abordagem qualitativa, Richardson a compreende que (2012, p. 21) esta responde à questões muito particulares e se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Esta abordagem nos permite trabalhar com os sentimentos e falas dos envolvidos no estudo.

Atualmente, no campo das pesquisas educacionais, são poucos os estudos nessa área que empregam metodologias quantitativas. Todavia, para Gatti (2004, p. 14), a utilização de dados quantitativos na pesquisa educacional brasileira nunca obteve uma tradição concreta, o que limita o emprego de instrumentos analíticos mais consistentes, assim como, a construção

de uma perspectiva mais aprofundada e crítica sobre o que eles podem ou não oferecer. Desse modo, é evidente a dificuldade de uma “leitura crítica e contextualizada quando dados quantitativos são trazidos à discussão, seja nos âmbitos acadêmicos, seja em âmbito público” (GATTI, 2004, p. 14).

Os autores mostram que tal estudo se enquadra como quanti-quali, pois objetiva quantificar resultados por meio de perguntas objetivas, além de abordar de forma qualitativa a opinião dos sujeitos por meio de perguntas abertas, que posteriormente serão analisadas e confrontadas com estudos de outros autores.

Dessa maneira, a pesquisa também se deu de forma descritiva, pois segundo Fernanda e Gomes (2003):

Trata-se, portanto, de uma modalidade de pesquisa cujo objetivo principal é descrever, analisar ou verificar as relações entre fatos e fenômenos (variáveis), ou seja, tomar conhecimento do que, com quem, como e qual a intensidade do fenômeno em estudo. A pesquisa (descritiva pode também ser utilizada para avaliação de programas; sendo que tais estudos podem ou não trabalhar com formulações de hipóteses e muitas vezes podem servir de base para estudos causais. (FERNANDES; GOMES, 2003, p.8).

O trabalho se enquadra em uma pesquisa de campo, pois de acordo Prestes (2011) refere-se aquela em que o pesquisador, através de questionários, entrevistas, protocolos verbais, observações, etc., coleta seus dados investigando os pesquisados em seu meio.

4.2 UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Piauí-UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, localizada na rua Cícero Eduardo, S/N, bairro Junco, Município de Picos/PI. Trata-se de uma instituição que tem quarenta e três anos de história. Possui polos na modalidade presencial espalhados nas cidades de Teresina, Parnaíba, Floriano, Picos e Bom Jesus, além de contar com a modalidade a distância em várias cidades do Piauí e um polo no estado da Bahia.

É interessante frisar que até o ano de 2005, o campus de Picos-PI possuía apenas dois cursos: o de Licenciatura em Letras e Licenciatura Pedagogia. Foi então que em 2006 a instituição aderiu ao programa de expansão, inserindo novos cursos em sua grade. Hoje já conta com dez cursos entre licenciaturas e bacharelados: Pedagogia, Letras, Matemática, Biologia,

História, Administração, Nutrição, Sistemas da informação, Enfermagem, Medicina e Educação no Campo.

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram 20 graduandos de sexo masculino, matriculados e ativos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sendo selecionados por meio da amostragem por conveniência. O número de discentes que participaram da pesquisa e o período que cursam pode ser visualizado no quadro 1. Estes números mostram a realidade quanto a presença de acadêmicos e professores do sexo masculino no curso e na profissão do licenciado em pedagogia, ou seja, um quantitativo muito baixo quando comparado ao número de mulheres matriculadas neste universo.

Quadro 1
Discentes e período

Número de discentes	Período que cursam
4	2°
6	4°
8	6°
2	8°
5	10°

Fonte: o autor

A busca pelos participantes foi realizada por meio da amostra por conveniência, visto que este tipo de busca se torna mais fácil e acessível. O pesquisador procurou a mostra a partir do quantitativo de alunos do sexo masculino matriculado no curso de pedagogia, e assim mediante uma abordagem presencial durante as aulas foi perguntado se os mesmos poderiam participar da pesquisa. Todos aqueles que estavam presente nos dias de busca aceitaram o convite e responderam o questionário aplicado.

A coleta de dados foi realizada na sala de aula dos (as) graduandos (as) do 2°, 4°, 6° e 8° e 10° bloco do Curso de Pedagogia na UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros - Picos-PI, no período de 1 a 11 de outubro de 2019.

A atividade foi realizada após consulta aos entrevistados que aceitaram o desafio de responderem a um questionário semiestruturado em que eles (as) puderam refletir acerca da experiência da participação do professor do sexo masculino na atuação ao público infantil. Todos concordaram em participar da pesquisa e seus nomes foram mantidos em sigilo para fins de discrição e ética.

4.4 INSTRUMENTO UTILIZADO

Visando permitir a coleta das informações para o desenvolvimento da pesquisa, foi elaborado pelo autor, um instrumento de coleta de dados, qual pretendeu-se atingir os objetivos propostos. Para Rudio (1986, p.114) “chama-se instrumento de pesquisa o que é utilizado para coleta de dados”.

O instrumento desenvolvido pelo autor foi o questionário com questões abertas e fechadas, apresentando 10 perguntas (nove objetivas e uma subjetiva) sendo as primeiras compostas por 5 alternativas cada. Segundo Richardson (2009) “O questionário cumpre pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinantes variáveis de um grupo social”.

Ainda segundo o autor (2012, p.193) as perguntas fechadas são destinadas a obter informação sociodemográfica do entrevistado e respostas de identificação de opiniões. Já as perguntas abertas, são destinadas a aprofundar as opiniões do entrevistado.

No questionário, as perguntas indagavam ao entrevistado sua posição quanto a formação do acadêmico do sexo masculino atuando nas séries iniciais se atentado às seguintes dimensões: se o professor homem neste campo de atuação sofre preconceito, se a formação institucional não distingue em sua metodologia a formação dos acadêmicos quanto ao sexo, a relação professor homem no ensino infantil/escola/família/sociedade e as pretensões destes acadêmicos quanto a sua atuação neste nível de ensino após a sua formação. O questionário pode ser visualizado ao final do estudo (APÊNDICE A).

Segundo Richardson (2012), “ao planejar o questionário deve-se considerar o tipo de análise que será realizado com os dados obtidos”. Nessa acepção, o tratamento das informações coletadas foi realizado através da análise de conteúdo, que se constitui em um conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos.

Dessa forma, desenvolveu-se uma pesquisa de campo por meio de questionários com questões abertas e fechadas, que segundo Richardson (2012, p.210) a mesma desenvolve-se “a partir de perguntas precisas, pré-formuladas e com uma ordem preestabelecida” por meio de um questionário sociodemográfico com 05(cinco) questões abertas sobre a temática abordada nesse estudo.

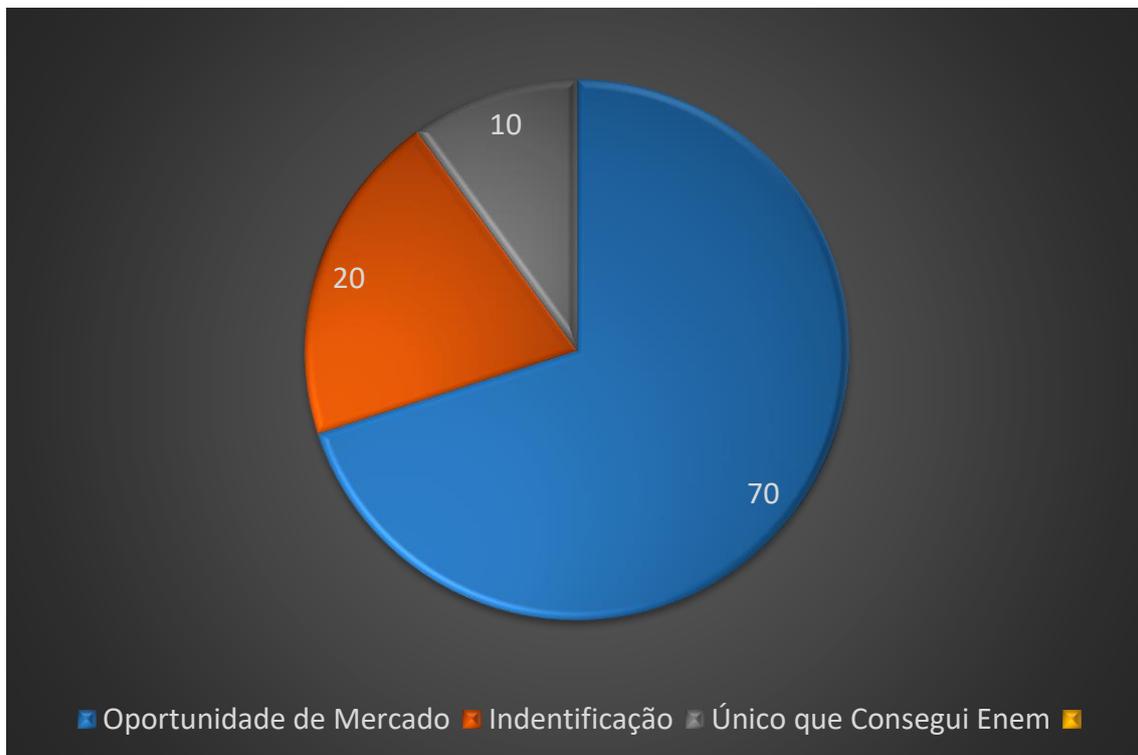
5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados passaram por uma análise descritiva e foram processados pelo programa Excel, versão 2016 e posteriormente apresentados por meio de tabelas com os valores em porcentagem, para melhor compreensão do leitor. Todos os achados foram confrontados, e a discussão se baseou nos postulados apresentados na literatura de interesse ao tema, com abrangência nacional e internacional.

O primeiro aspecto observado nesta pesquisa, como já era esperado, trata-se da pouca quantidade de acadêmicos do sexo masculino entrevistados dentro da instituição no curso de pedagogia, não chegando a 20% dos acadêmicos.

O questionário se estrutura em 10 perguntas, sendo nove objetivas e uma discursiva. Na primeira, os entrevistados foram indagados sobre o motivo da escolha do curso de pedagogia. O gráfico 1, apresenta os resultados encontrados, onde 70% dos acadêmicos optaram pelo curso de pedagogia devido as oportunidades do mercado de trabalho. Apenas 20% responderam que se identificam com a docência no ensino infantil até o fundamental I.

Gráfico 1
Por que você escolheu o curso de Pedagogia

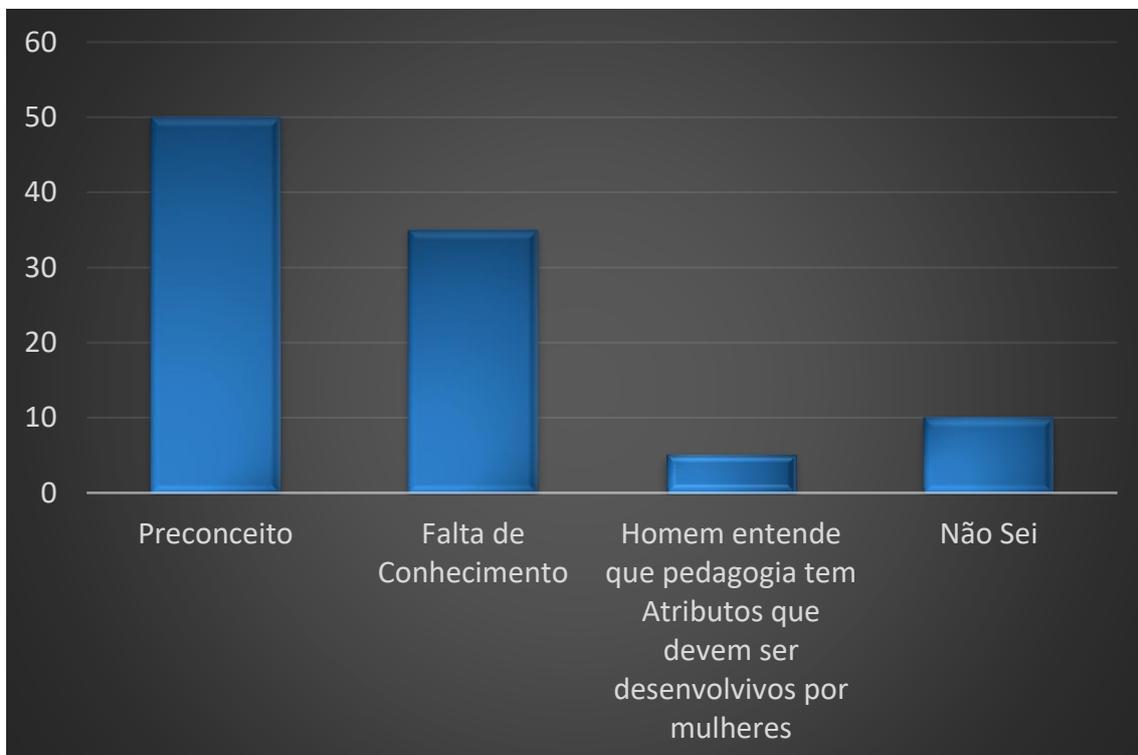


Fonte: O autor

Seguindo a ideia de Rabelo (2010) a profissão docente não é escolhida somente por fatores pessoais, já que a escolha é permeada por várias influências sociais, que interferem no sujeito desde ao nascer. Esta permanente dualidade também interfere na opção profissional dos homens pela docência, que acontece pela associação de diversos fatores, acontecimentos e imperativos institucionais, familiares e financeiros. À vista disso, os professores homens ao ingressarem no campo educativo, terão que atuar e adquirir determinados comportamentos para se adequarem ao que é esperado deles.

No segundo quesito, foi questionado sobre o motivo de existir tão poucos homens discentes no curso de pedagogia. Para 50% dos entrevistados, o motivo se dá, devido ainda existir um certo preconceito da sociedade que entende que ministrar aula para crianças ainda é atividade exclusiva de mulheres. Já para 35% dos discentes, o motivo é a falta de conhecimento do público masculino em relação a amplitude do curso de pedagogia. Os dados podem ser visualizados no gráfico 2.

Gráfico 2
Por que existem tão poucos homens discentes no curso de Pedagogia?



Fonte: o autor

Complementando com a fala de Miranda (2011) o mesmo cita que um dos motivos da falta de interesse dos homens pelo magistério é a baixa remuneração que os levam para a indústria, e o comércio. Assim se pode supor que os poucos homens que a exercem ou tentam exercer essa profissão sofrem algum tipo de preconceito pelo fato de não seguir o modelo de masculinidade, imposto pela sociedade pelo fato do magistério ser associado ao gênero feminino.

Para Veloso e Silva (1999, p. 56), inúmeros fatores influenciam a opção pela profissão e, conseqüentemente, pela formação inicial que, no caso da educação infantil, traz muito da mitificação do magistério como profissão feminina vocacional. Embora se constate que na realidade, a presença da mulher no magistério se deve muito mais as construções culturais e históricas ligadas à ideia de vocação, não pode afirmar, incondicionalmente, que a tradição no magistério seja aceita sem críticas.

A terceira pergunta procurava saber da opinião dos participantes, se os mesmos acreditam que as mulheres possuem mais habilidades que os homens nos primeiros dois níveis escolares (Ensino infantil e Ensino fundamental I). 70% destes não concordam com esta afirmação, para eles, os homens também são capazes de desenvolver as mesmas atividades que as mulheres em relação à profissão. 35% acreditam que o curso de pedagogia é eminentemente feminino. Isso pode ser visto no gráfico 3.

A esse respeito utilizando o esclarecimento errôneo de Perrot (1992) apud Machado (2006, p.35) aos homens, o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. Colocando assim, que as atribuições masculinas não estão voltadas aos cuidados, em especial de crianças pequenas, e que as mulheres por sua personalidade mais sensível e amorosa lidam com esse tipo de situação com naturalidade.

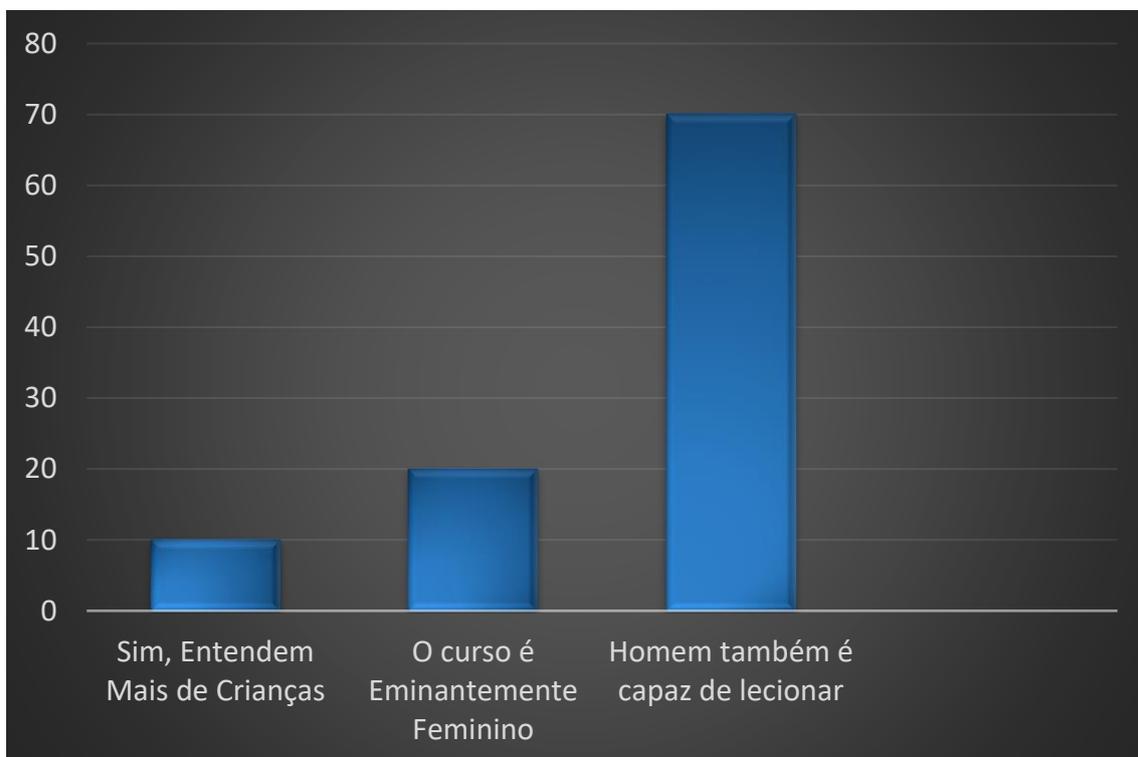
Na opinião de Saparolli (1997, p.51), a profissão de educador infantil não constitui um trabalho feminino porque encontramos um número maior de mulheres, mas porque exerce uma função de gênero feminino vinculada à esfera da produção e reprodução da vida: cuidar e educar crianças pequenas.

Sob a mesma perspectiva, Louro (2012) enfatiza a relação da educação de crianças com a maternidade:

Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e “naturais educadoras”. Portanto nada mais adequado do que lhes confiar à educação dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, uma “extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como filho ou filha “espiritual” (LOURO, 2012, p. 450).

Gráfico 3

Você acha que as mulheres têm mais habilidades que os homens nos primeiros dois níveis escolares?



Fonte: o autor

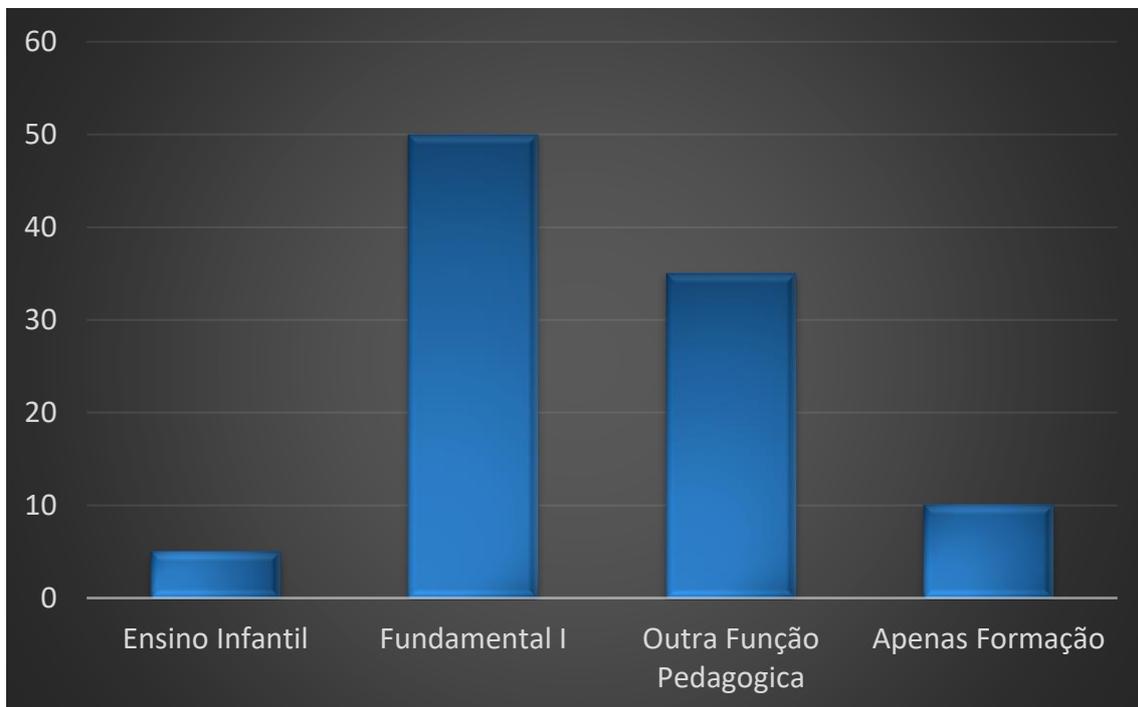
O gráfico 4 mostra os resultados da quarta pergunta. Considerando seu perfil atual, em relação a sua experiência no curso de pedagogia em qual nível de ensino deseja atuar? Metade dos entrevistados (50%) preferem atuar no ensino fundamental I, com crianças na faixa etária de 6 a 10 anos. Já 35% almejam atuar em outra função pedagógica que não seja a sala de aula. Apenas 5% pretendem lecionar na educação infantil.

Na formação de pedagogo, ainda existe o receio por parte dos próprios professores homens em trabalhar com crianças pequenas. Ainda dentro da academia sabendo que sua formação está direcionada principalmente na atuação em anos iniciais, o acadêmico do sexo

masculino preferem partir para outro setor pedagógico como gestão escolar. Sarmiento (2002, p.101) aponta que os homens “quando trabalham diretamente com crianças procuram os grupos dos mais velhos”.

Gráfico 4

Considerando seu perfil atual, em relação a sua experiência no curso de pedagogia, em qual nível de ensino deseja atuar?



Fonte: o autor

Muitas vezes esse receio em trabalhar com crianças menores vem dos próprios professores, que ficam com medo de serem taxados como pedófilos pelo país dos alunos, ou pela sociedade, visto que muitos desses abusos são cometidos por homens.

Segundo Silva (2001, p.5), a Comissão de Especialistas de Ensino em Pedagogia definiu, em 1999, o pedagogo como sendo:

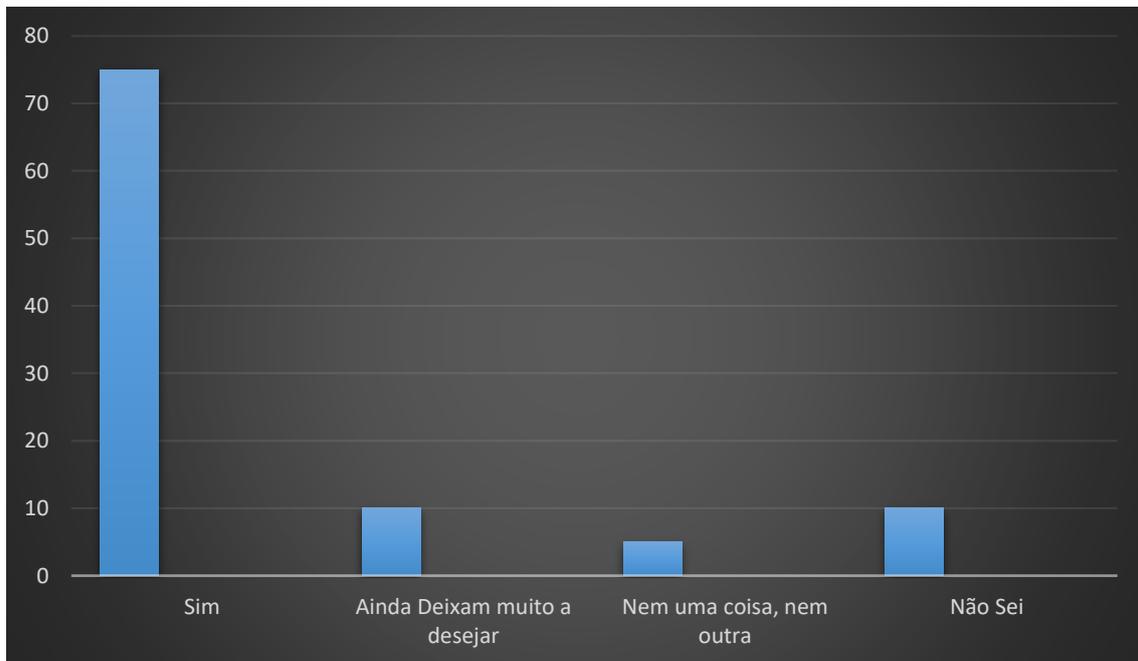
Profissional habilitado a atuar no ensino, na organização e gestão de sistemas, unidades e projetos educacionais e na produção e difusão do conhecimento, em diversas áreas da educação, tendo à docência como base obrigatória de sua formação e identidade profissional (COMISSÃO DE ESPECIALISTAS DE ENSINO EM PEDAGOGIA, 1999, p. 1).

As Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs estabelecem que o pedagogo deve estar apto a trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo (BRASIL, Art. 5, 2006, p. 2). Assim, não é coerente pensar que o licenciado formado em Pedagogia, para atuar na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, está habilitado a trabalhar nos espaços não-escolares.

Partindo para os resultados da quinta pergunta, apresentados no gráfico 5, foi questionado a respeito do funcionamento do curso de pedagogia no campus de Picos, e se este vem atendendo as expectativas formativas do entrevistado. 75% dos acadêmicos responderam que sim, sendo um curso que deixa-os em condição de igualdade com as alunas. 10% responderam que ainda deixa muito a desejar, pois parece que as aulas são propostas para às colegas do curso.

Gráfico 5

Você acha que o curso de Pedagogia, no Campus de Picos, vem atendendo às suas expectativas formativas?



Fonte: O autor

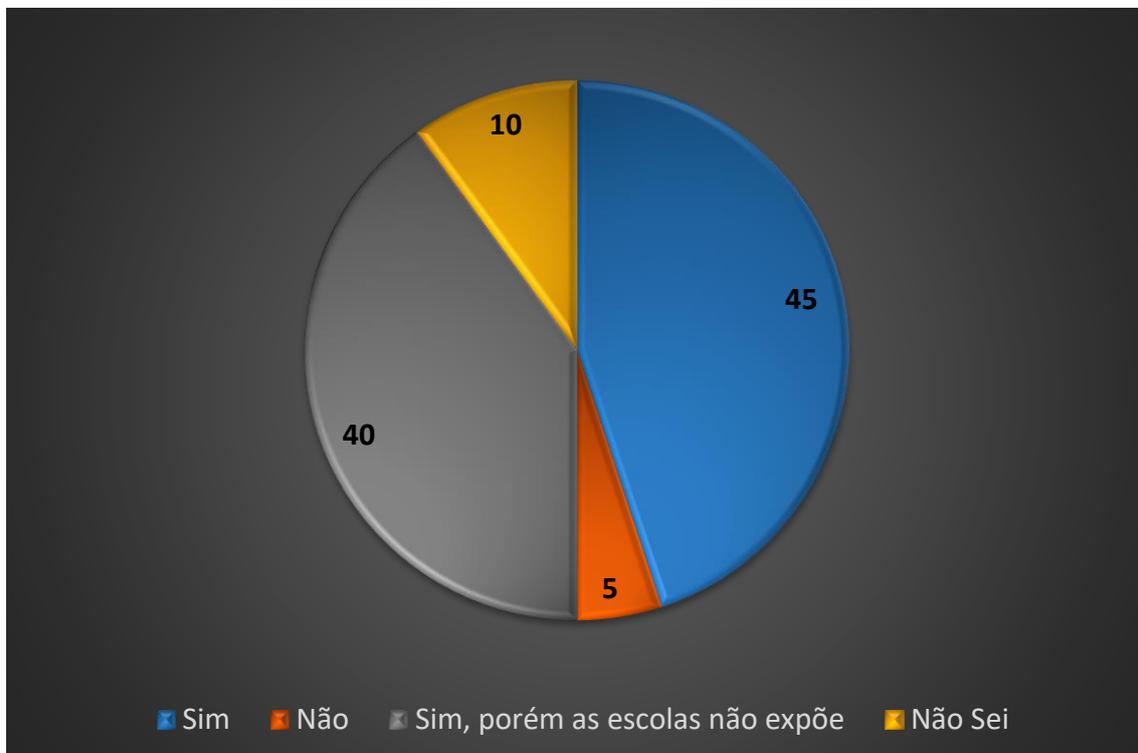
Essa proposta está coerente com o perfil do curso de Pedagogia definido por Rodrigues Kuenzer (2006), que desconstruiu a ideia de ser a função peculiar do pedagogo à docência. Essa autora afirma que o curso de Pedagogia deve:

[...] formar profissionais da educação com novos perfis, capazes, por exemplo, de atuar com as novas tecnologias, com as diferentes mídias e linguagens, com participação social, com o lazer, com programas de inclusão dos culturalmente diversos, dos portadores de necessidade especiais, e outras inúmeras possibilidades formativas que a vida social e produtiva tem demandado em decorrência do regime de acumulação flexível (KUENZER, 2006, p.190).

A sexta pergunta tem seus resultados apresentados no gráfico 6. Faz o seguinte questionamento: observando as instituições de ensino da região, você acha que existe preconceito com professor do sexo masculino na educação infantil? 45% afirmam que sim, existe preconceito por parte das instituições. Para 40% dos entrevistados, sim, existe este preconceito, porém as escolas não gostam de expor isso.

Gráfico 6

Observando às instituições de ensino da região, você acha que existe preconceito com o professor do sexo masculino?



Fonte: o autor

Spartacus (2011) em seu estudo, afirma que os professores nas escolas não são somente analisados, observados e examinados como professores dos anos iniciais, mas como professores homens dos anos iniciais. O gênero destes professores faz a diferença, marca, identifica e determina um lugar que é o de professor homem.

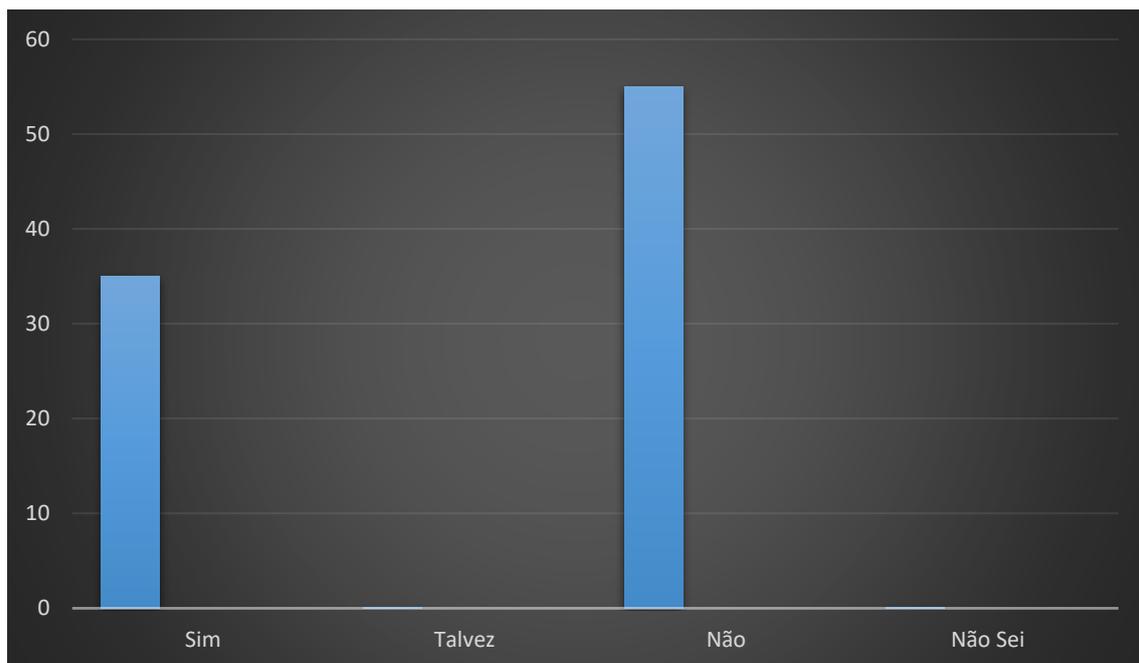
Assis (2000, p. 3) afirma:

Em primeiro lugar, deveriam ser homens e mulheres. A discriminação que o sexo masculino sofre na área é um grande absurdo. Essa é uma fase da vida na qual a figura do homem é indispensável, principalmente pela ausência crescente do pai nas famílias. Com ou sem essa discriminação, os professores devem tratar as crianças com afeto e rigor, impondo limites e abrindo horizontes. Eles têm que saber acolher, ouvir com interesse, apoiar e estimular os pequenos, levando a patamares mais elevados do conhecimento. Além disso, os educadores precisam ser muito curiosos e disciplinados. Por fim, é fundamental gostar de crianças, de estudar e de viver.

A pergunta questiona aos entrevistados, se os mesmos acreditam que os pais têm receio em ver um professor do sexo masculino cuidando de seus filhos. 55% acham que não existe esse receio, já 35% acreditam que sim. Ver gráfico 7.

Gráfico 7

Você acha que os pais têm receio em ver professor do sexo masculino cuidando de seus filhos?



Fonte: o autor

Com relação ao cuidado de crianças em instituições, os números mostram que em sua maioria, são as mulheres que estão atuando dentro destes espaços, e que a presença de homens no cuidado de crianças, ainda mais no ensino infantil levanta o debate do risco de maus tratos e abusos, temidos pelos pais e pelas instituições. O discurso da naturalização, pautado num padrão hegemônico de masculinidade, posiciona o homem que se dispõe a trabalhar ou como abusador em potencial ou como homossexual por realizar um trabalho considerado feminino (SOUZA, 2010, p. 67).

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

Ramos (2011) afirma que o cuidado físico executado por parte dos educadores/cuidadores homens representa, para pais, uma ameaça à integridade física da criança e que a mesma representação não é atribuída aos profissionais do sexo feminino:

Eles explicitam que, nas ações do cuidar, há restrição apenas para os homens, pois as professoras não representam nenhum tipo de ameaça para as crianças na medida em que trazem consigo a vocação para a maternidade e elas são, por natureza, quem protege e cuida dos filhos com desvelo e são incapazes de cometer maldade contra as crianças (RAMOS, 2011, p. 107).

Silva (2014) enfatiza que:

Outra marca da docência masculina na educação infantil está ligada aos comportamentos sexuais- o homem “meio homem”- o gay e o medo da pedofilia. Neste contexto, os desvios são colocados como anormalidades que devem ser sanadas, ou seja, as crianças devem se manter distantes do selvagem, para não perderem a dimensão pura, ingênua e dócil do corpo infantil. Essa imagem do homem-selvagem carrega em si a história dos preconceitos e das dolorosas formas de constituir uma visão única sobre masculinidade. (SILVA 2014, p. 103).

Ao analisar se as questões de gênero na atualidade abriram mais as portas para a atuação do professor do sexo masculino na educação infantil, 65% dos acadêmicos responderam que ainda é uma questão muito debatida, porém não existe um consenso sobre isso. 15% disseram que não, a maioria das pessoas ainda rejeita o papel do professor do sexo

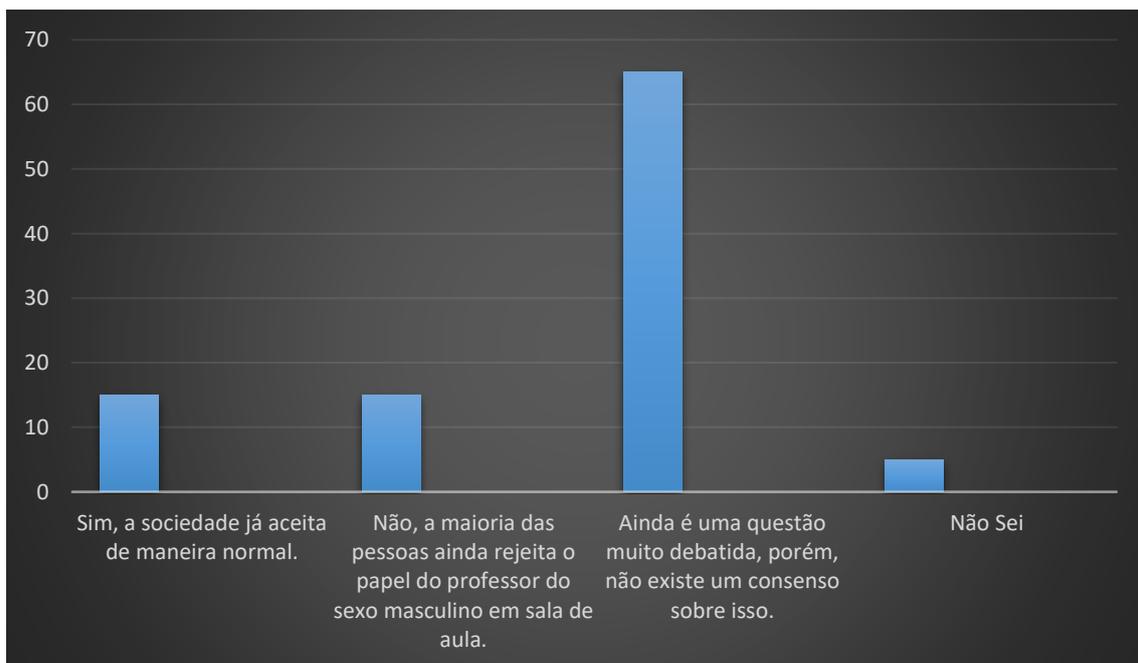
masculino. Mas para 5%, essas questões debatidas foram importantes, e a sociedade já aceita de maneira normal o professor do sexo masculino neste campo. Ver gráfico 8.

Considerando que segundo Silva (2014) os espaços de educação reproduzem os modelos da sociedade, inclusive a desigualdade gênero, sexo e raça, podemos considerar a importância do masculino no espaço de Educação Infantil (embora sua presença não signifique uma educação igualitária e por vezes possa reforçar a hierarquização de gênero) para dar visibilidade e fomentar a discussão em torno desse assunto e proporcionar uma educação mais igualitária:

A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Demandam a incorporação de práticas educativas que introduzam conscientemente, como estratégia de socialização, a meta de igualdade de gênero. Porque o sexismo afeta o crescimento de meninos e meninas, inibindo muitas manifestações na infância e impedindo que se tornem seres completos. (FARIA, 2011, p. 63).

Gráfico 8

As questões de gênero na atualidade abrem mais as portas para a atuação do professor do sexo masculino na educação infantil?



Fonte: o autor

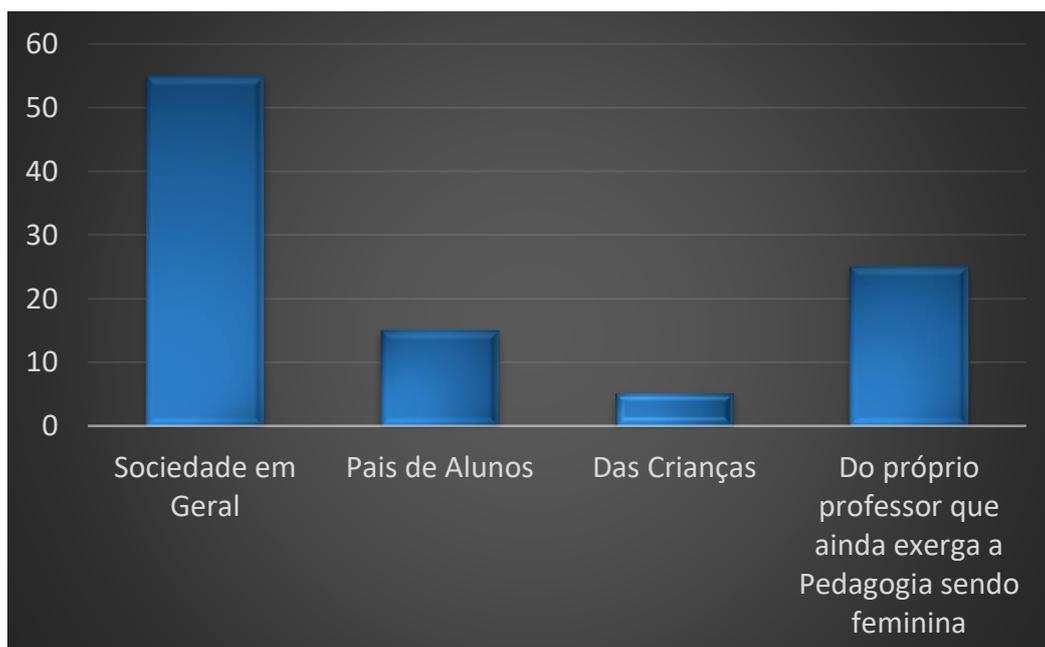
Ramos (2011, p.61), aponta que [...] Para serem aceitos pela comunidade escolar, os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças.

Para Vianna (2001), mesmo com a feminização do magistério, os homens ainda ocupam as funções de maior prestígio social, como direção e coordenação recebendo os salários mais altos. Muitos estudos têm demonstrado que mulheres e homens não são tratados igualmente no trabalho, mesmo que possuam as mesmas qualificações e sejam contratados para as mesmas funções. Para ela, em quase todas as ocupações tradicionalmente masculinas, as mulheres encontram barreiras quando tentam penetrar em especialidades mais lucrativas e prestigiosas, como se um teto de vidro as impedisse de alcançar as posições de topo (SAPAROLLI, 1997, p. 28).

No que se refere a origem deste preconceito em relação ao professor do sexo masculino lecionar para crianças tanto nas séries iniciais quanto no ensino fundamental I. 55% dos entrevistados responderam que parte da sociedade em geral, e 25% colocam o próprio professor como culpado por este preconceito, visto que ainda enxergam a pedagogia como um curso voltado ao público feminino.

Gráfico 9

De onde parte o preconceito em relação ao professor do sexo masculino lecionar para crianças tanto nas séries iniciais quanto no ensino fundamental?



Fonte: o autor

Diante disso, Gonçalves (2009, p. 23):

Os padrões de comportamento predominantes numa determinada cultura não são, portanto, naturais, e sim construídos socialmente, seguindo modelos que atendem aos interesses de determinados grupos da mesma sociedade. Como estes padrões são aceitos como verdadeiros, as pessoas que agem de maneira contrária são vistas como incorretas por infringirem as normas aceitas pela cultura na qual estão inseridas. Muitas vezes essas pessoas sofrem consequências e, para evitá-las, voltam a agir conforme as normas estabelecidas.

Miranda (2011) em suas pesquisas com alguns professores do magistério notou que professores homens, ensinando crianças tiveram sua masculinidade questionada, ora como homossexuais, ora como pedófilos e conclui que independentemente de serem homem ou mulher, todos eles têm compromisso com seu aluno, cumprem seus horários, se preocupam em formar um cidadão com consciência crítica, e são sofredores porque trabalham muito e ganham pouco.

A pergunta de número dez, pedia que os entrevistados descrevessem de forma discursiva, suas expectativas no curso de pedagogia, relatando o que pensam em relação ao professor do sexo masculino lecionar nas séries iniciais e ensino fundamental I. Assim, foi destacado algumas das falas dos acadêmicos, a fim de entender o que pensam sobre esta realidade.

“Espero enfrentar obstáculos que ainda está presente no curso de pedagogia, como professor do sexo masculino. De modo geral na sociedade ainda há preconceito de que o homem não é capaz de atender as mesmas expectativas que as mulheres em relação à profissão. Ainda é uma questão a ser debatida do profissional de sexo masculino ser formado em licenciatura em pedagogia, pois a sociedade enxerga o curso apenas para lecionar aos alunos, sendo assim os homens possuem as mesmas capacidades para desenvolver as suas atividades pedagógicas e ser mais visto com profissionais competentes, ser aceito pela sociedade que pode ser um profissional que pode ministrar aula para as crianças no ensino infantil (ALUNO 10º PERÍODO)”.

“Tanto indivíduos do sexo masculino quanto do sexo feminino possuem as mesmas capacidades de educar uma criança. Entretanto, há características tradicionais na sociedade que perpetuam esse preconceito. O curso de pedagogia é edificante, nos faz perceber a importância da educação de forma que nenhum outro curso consegue ensinar. Há conscientização de como ocorre o processo educativo, sua importância para a formação do indivíduo e a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária (ALUNO 2º PERÍODO)”.

Na fala de boa parte dos acadêmicos, mostra que suas expectativas são as melhores quanto o curso de pedagogia, mesmo que obstáculos como o preconceito e as dúvidas quanto a capacidade do professor do sexo masculino, em especial no ensino infantil ainda persistirem na sociedade. Os mesmos enfatizam que o curso de pedagogia possui um amplo espaço para atuação, e que mesmo que não atue dentro da educação infantil, a formação lhes proporcionará um vasto campo de trabalho. O curso de Pedagogia, partindo dessa concepção, deve preparar o pedagogo para atuar nos espaços educativos e outros aparelhos comunitários, onde são necessárias práticas pedagógicas.

Partindo desse contexto, Libanêo (2005) enfatiza que o curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas socioeducativas de tipo formal e informal, decorrentes de novas realidades, novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação, mudanças profissionais.

Esse reforço de estereotipo pode afastar os homens das funções de educar e cuidar das crianças pequenas e quando pensamos ainda na divisão sexual do trabalho, segundo Venturini e Thomasi (2013) existem ainda outras razões que mantêm os homens afastados das profissões referentes à educação das crianças pequenas: os mitos acerca da masculinidade, a ocupação das funções principalmente por mulheres, e, além disso, mediante a possibilidade de exercer uma profissão com maiores salários e reconhecimentos, essas profissões não se tornam interessantes: possuem baixos salários e não concedem status.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se assim, que os objetivos foram atingidos, visto que boa parte das respostas apresentadas mostram uma realidade visível dentro do contexto pesquisado. No tocante da escolha do curso, boa parte dos alunos optaram pela pedagogia devido as oportunidades do mercado de trabalho, visto que a área possui um vasto campo para atuação. Poucos se identificam com o ensino infantil, fazendo do curso de pedagogia um meio de ingressar em outros espaços de atuação fora ou dentro do contexto escolar, porém sem o contato com crianças pequenas em sala de aula.

Os resultados demonstram que os acadêmicos enxergam em sua futura profissão um certo preconceito dentro de educação infantil, especial na séries iniciais. Ainda contestam o fato de que esse pré-julgamento parte principalmente da sociedade em geral, e também dos pais das crianças, e que as escolas em sua maioria tem receio em ter um professor homem neste nível de ensino, onde quase nenhum assume este papel na rede privada, só abrindo oportunidades quando ingressam através concurso público. Dentre os tipos de repressão citado, estão o questionamento sobre a sexualidade, taxado de homossexuais e supostos abusadores, fato que reprimem os pais em ter um homem tão próximo de seus filhos ainda mais durante os cuidados longe de seus olhos, na escola.

A ausência de professores do sexo masculino no ensino infantil e dentro do curso de pedagogia, mostram que muitos ainda veem a profissão como feminina. E que os homens não fazem escolha por este curso devido refletir o mesmo pensamento de boa parte da sociedade. Porém o curso de pedagogia, assim como outros rotulados como formações voltadas a determinado gênero (enfermagem, por exemplo ainda é visto como um curso feminino, as engenharias são vistas como cursos masculinos) estão quebrando os paradigmas dessa visão da sociedade, mesmo ainda possuindo um desequilíbrio de gênero quando se adentra as salas das universidades. Esses acadêmicos a partir do contato com o mundo da pedagogia, relataram que o homem possui as mesmas habilidades pedagógicas que as mulheres, não havendo uma melhor representação de gênero.

Sobre o curso de pedagogia da UFPI-CSHNB, a maioria dos alunos acreditam que a estrutura curricular e o ensino adotado dentro desta universidade, contempla todas as expectativas esperadas e que este não se volta exclusivamente ao público feminino, mesmo este sendo a maioria dos estudantes. Para eles, a teoria e prática englobam os cuidados e a pedagogia

de forma assexuada, não adotando um perfil de pedagogo para a atuação neste e demais níveis e espaços de atuação, mais sim atributos inerentes ao profissional independente de seu gênero.

Mesmo diante de tal situação e desafios apresentados pelo acadêmico e professor do sexo masculino ensino infantil, as barreiras estão aos poucos sendo rompidas, a visão da sociedade está se esclarecendo ainda mais, e mesmo dados e rótulos sempre mostrarem que o homem não tem o perfil adequado para tal campo de atuação, é preciso elaborar estratégias que possam mostrar ao contrário, e é através da própria educação que se constrói igualdade e equidade na sociedade.

Este tema, se mostrou importante para o estudo na área da educação e das ciências sociais, pois trata-se de um assunto relevante dentro das discussões que englobam os espaços e a convivência humana. A educação é um campo que necessita de pesquisas, em seus diferentes níveis de ensino. Os desafios da contemporaneidade exigem que a academia esteja preparada para formar futuros profissionais que possam lidar com as transformações que ocorrem nos diferentes espaços de alcance social, e a educação é a base para a formação humana e construção social e profissional, atingindo assim todas as áreas da sociedade.

Com isso, espera-se que com esta pesquisa, esse contexto do homem dentro da formação de pedagogia, possa modificar tanto a visão social, quanto abrir novas portas para os acadêmicos, em se dedicar sua formação profissional. Espera-se também que os demais espaços possam acolher sem preconceitos ou julgamentos o profissional independente de seu sexo, cor, religião.

Que as pesquisas no âmbito da educação possam ser estimuladas dentro da academia, assim como se estender para os demais aparelhos comunitários em forma de extensão, não somente nas escolas, pois como já foi relatado, a pedagogia está presente onde estão reunidos pessoas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. M. S. de. **Magistério primário e cotidiano escolar**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 05 de outubro de 1988.

_____. Lei 8.069 de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm.

_____. Presidência da República. Ministério da Educação. **Leis de diretrizes e bases da educação nacional**. 1996.

_____. Lei 8.069 de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. (acesso em 09-09-2019).

_____. Presidência da República. Ministério da Educação. **Leis de diretrizes e bases da educação nacional**. 1996.

_____. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental**. Referencial Curricular Nacional para a Educação. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BUFALO, J.M. P. Creche: lugar de crianças, lugar de infância. Um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CAMPOS, M. M. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília: MEC, 1994.

CARDOSO, M. L. **Questões sobre educação**. In: GOULART, Cecília. (Org.). Dimensões e Horizontes da Educação no Brasil. Ensaio em homenagem a Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero. Niterói, RJ: EduFF, 2004, p. 107-125.

FARIA, A. L. G. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil**. *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 5 ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2011.

FARIAS, I. M. S. **Inovação, Mudança e Cultura Docente**. Brasília: Líber Livro, 2006.

FINCO, D.; SILVA, P. R.; DRUMOND, V. **Repensando as relações na educação infantil a partir da ótica de gênero.** IN: SILVA, Adriana (et al). *Culturas infantil em creches e pré-escolas – estágio e pesquisa.* Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FONSECA, T. S. M. **O professor homem nos anos iniciais do ensino fundamental, formação e feminização: questões de gênero?** In: *Fazendo Gênero: Diásporas, diversidades, deslocamentos,* Florianópolis, 2010.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GAMBOA, S.S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo: Cortez,1995.

GATTI, B. A. **Estudos quantitativos em educação. Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, 2004.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da Educação Brasileira.** 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

GONÇALVES, F. **Do andar ao escrever: um caminho psicomotor.** São Paulo: Cultural RBL, 2009.

HENTGES, K. J.; JAEGER, A. A. **Relações de gênero, masculinidade e docência masculina.** Disponível em: <http://jne.unifra.br/artigos/4946.pdf>.

KUENZER, A. Z. **Trabalho pedagógico: da fragmentação a unitariedade possível.** In: AGUIAR, Márcia Ângela da S. e FERREIRA, Naura Syria C. (orgs). *Para onde vão a orientação e a supervisão educacional?* 3. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2006.

KULHMANN JUNIOR. **Histórias da educação infantil brasileira. Revista Brasileira de Educação.** n. 14, São Paulo, 2000.

LIBÂNEO, J.C. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortêz, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero sexualidade e educação: uma Perspectiva pós-estruturalista** 3ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, M. L. A. Introdução. In: Machado, M. L. A. (org.). *Encontros e Desencontros em Educação Infantil.* São Paulo, Cortez – 2006.

MIRANDA, M. H. G. **Magistério Masculino (Re) Despertar tardio da Docência.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

NOVAES, M. E. **Professora Primária mestra ou tia.** 5.ed. são Paulo, SP, Cortez, 1992.

OLIVEIRA, A. M. B. **Ação educacional jesuítica no Brasil colonial**. In: encontro Nacional do GT história das regiões e das religiões e das religiosidades. Maringá. Anais do III encontro Nacional do GT história das religiões e das religiosidades, 2011.

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. Gomes. A História da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTERDBR On-line**. Campinas, n.33, p. 78-95, mar. 2009.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 4 ed. São Paulo: Rêspel, 2011.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

RABELO, A. Professores homens nas séries iniciais: escolhas profissional e mal-estar docente. **Educação e realidade**. v.35, n. 2, p. 279-287, 2010.

RAMOS, J. Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – M.G. (**Dissertação de Mestrado**). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. 139f.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAPAROLLI, Eliana. **Educador Infantil: uma ocupação de gênero feminino**. São Paulo, Programa de Psicologia Social da PUC-SP, 1997.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**, 2002.

SAYÃO, D. T. **Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas**. G.T. Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07, 25ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu/MG, 2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, 1995.

SILVA, C. **“O que você vai ser quando crescer?”: A infância e a criança no curso de licenciatura em Educação Física/CDS/UFSC**. Trabalho de conclusão de curso. Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SILVA, M. R. O corpo das crianças em movimento: apontamentos provisórios sobre a cultura corporal na educação infantil. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 3, n. 1, p. 136-164, 2010.

SILVA, S. C. V. Mercantilização da formação de pedagogos no Brasil. **Tese de doutorado**. UNIVALI, PPGE, 2014.

SOUZA, M. A. B. **A importância das brincadeiras e jogos matemáticos na educação infantil**-Aparecida de Goiânia, 2010.

SOUZA, M. I. de. **Homem como professor**: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. Dissertação de Mestrado apresentado à faculdade de Ciências e Letras Ribeirão Preto/ USP. Ribeirão Preto, 2010.

SPARTACUS, T. **Quem é o professor homem dos anos iniciais?** Discursos, representações e relações de gênero. 2011. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora.

STAMATO, M. I. E. **um olhar na história**: a mulher na escola (rasil:1549-1910). Programa de pós-graduação – UFRN, 2012.

VELOSO, C. S.; SILVA, L. M. **Formação e atuação do professor de Educação Infantil**. Faculdade Capixaba de Nova Venécia. Credenciada pela Portaria nº 1.299 de 26/08/1999.

VENTURINI, A. M; THOMASI, K. B. A Feminização na Educação Infantil: Uma questão de Gênero. **Revista Científica Digital da FAETEC**: EDU.TEC, 8ª edição, Ano V, Volume 1, Nº 1, 2013,

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero na docência. **Cadernos Pagu**, v. 17, n.18, p. 81-103, 2002.

XAVIER, M. E. S. P. **História da Educação**: a escola no Brasil. Maria Elizabete Sampaio Prado Xavier, Maria Luisa Santos Ribeiro, Olinda Maria Noronha. – São Paulo: FTD, 1994. – (Coleção Aprender & Ensinar).

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....51

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROFESSOR: FRANCISCO JOSÉ DIAS DA SILVA
GRADUANDO: RENATO DE SOUSA LUZ

**QUESTIONÁRIO A SER APLICADO AOS ALUNOS DO SEXO MASCULINO NO CURSO DE
PEDAGOGIA/CAMPUS DE PICOS**

Nome:

Período atual: _____

1. Por que você escolheu o curso de pedagogia?

- a) Foi o único curso que consegui ser aprovado através do Enem
- b) Me identifico com a docência do ensino infantil até o fundamental I
- c) Devido às oportunidades dentro do mercado de trabalho
- d) Não sei

2. Por que existem tão poucos homens discentes no curso de Pedagogia?

- a) Devido ainda existir um certo preconceito da sociedade que entende que ministrar aula para crianças ainda é atividade exclusiva de mulheres.
- b) A falta de conhecimento dos homens em relação à amplitude do curso de Pedagogia.
- c) Os homens entendem que a Pedagogia é um curso que tem atribuições que devem ser desenvolvidas por mulheres.
- d) Não sei.

3. Você acha que as mulheres possuem mais habilidades que os homens nos primeiros dois primeiros níveis escolares (educação infantil e ensino fundamental)?

- a) Sim, pois elas entendem mais de crianças.
- b) Acho que o curso é eminentemente feminino.
- c) Não, o homem também é capaz de desenvolver as mesmas atividades que as mulheres em relação à profissão.
- d) Não sei

4. Considerando o seu perfil atual, em relação à sua experiência no curso de Pedagogia, em qual nível de ensino deseja atuar?

- a) Educação Infantil (0 a 5 anos)
- b) Ensino Fundamental I (6 a 10 anos)
- c) Outra função pedagógica que não seja sala de aula.
- d) Quero apenas a formação, não pretendo atuar na área.

5. Na condição de ser do sexo masculino, você acha que o curso de Pedagogia, no Campus de Picos, vem atendendo às suas expectativas formativas?

- a) Sim, pois é um curso que nos deixa numa condição de igualdade em relação às colegas alunas.
- b) Ainda deixa muito a desejar, pois parece que as aulas são propostas para às colegas do curso.
- c) Nem uma coisa nem outra. O curso precisa rever o seu projeto político-pedagógico e tornar-se mais atual em relação à essa questão.
- d) Não Sei.

6. Observando às instituições de ensino da região, você acha que existe preconceito com o professor do sexo masculino na educação infantil?

- a) Sim.
- b) Não
- c) Acho que sim, porém as escolas não gostam de expor isso.
- d) Não Sei.

7. Você acha que os pais têm receio em ver um professor do sexo masculino cuidando de seus filhos?

- a) Sim
- b) Não
- c) Talvez
- d) Não sei

8. As questões de gênero na atualidade abriram mais as portas para a atuação do professor do sexo masculino na educação infantil?

- a) Sim, a sociedade já aceita de maneira normal.
- b) Não, a maioria das pessoas ainda rejeita o papel do professor do sexo masculino em sala de aula.
- c) Ainda é uma questão muito debatida, porém, não existe um consenso sobre isso.
- d) Não Sei.

9. De onde parte o preconceito em relação ao professor do sexo masculino lecionar para crianças tanto nas series iniciais quanto no ensino fundamental I?

- a) Da sociedade de maneira geral.
- b) Dos pais dos alunos e alunas.
- c) Das crianças
- d) Do próprio professor que ainda enxerga a Pedagogia como um curso voltado mais para o público feminino.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Pemato de Sousa Luz,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Curso de Pedagogia na UFPI em Picos - a compreensão
da profissão pelos estudantes do sexo masculino
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de Junho de 2020.

Pemato de Sousa Luz
 Assinatura

Pemato de Sousa Luz
 Assinatura